

A chegada em Sergipe da “mais subversiva máquina de influir”

Rísia Rodrigues¹

The arrival in Sergipe of “the most subversive influence machine”

Abstract

This article addresses the arrival of TV in Sergipe and seeks to understand what the deployment of its first television station, TV Sergipe, represented for the history of communication in the state, and especially for the culture of Sergipe. The novelty, which was intended to entertain and inform, was inaugurated in 1971. Constituted during the military period in the country, the station had therefore directions to follow. Although it is a recent history, the television of Sergipe needs studies that look at its initial phase in this perspective. In a historical-cultural approach, the main sources were the memories of communicators and viewers, newspapers, photographs and video. Introducing new social practices, in addition to serving diverse interests, TV also raised the self-esteem of the Sergipe people, who liked to see themselves on the screen of the “influential machine”.

Keywords: History of Television in Sergipe. Memories. TV Sergipe..

Resumo

este artigo trata da chegada da televisão em Sergipe e busca compreender o que a implantação da sua primeira emissora, a TV Sergipe, representou para a história da comunicação no estado e, especialmente, para a cultura dos sergipanos. A novidade, que se propunha a entreter e informar, foi inaugurada no ano de 1971. Instituída durante a ditadura militar no país, a emissora tinha, portanto, direcionamentos a seguir. Embora se trate de uma história recente, a TV sergipana carece de estudos que se debrucem sobre sua fase inicial nessa perspectiva. Numa abordagem histórico-cultural, foram utilizadas como principais fontes as memórias de comunicadores e telespectadores, jornais, fotografias e vídeo. Introduzindo novas práticas sociais, além de atender a interesses diversos, a TV também elevou a autoestima do povo sergipano, que gostou de se ver na tela da “máquina de influir”.

Palavras-chave: História da Televisão em Sergipe. Memórias. TV Sergipe.

1 Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Estácio de Sergipe e jornalista graduada na Faculdade Integrada Tiradentes. É integrante dos grupos de pesquisa: “História da Educação: memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas”. Atua na área jornalística com ênfase em assessoria de imprensa, televisão e rádio com foco em Educação, educação não formal, terceiro setor e voluntariado. E-mail: risiarodrigues@destaquenoticias.com.br



Apresentação

Este artigo apresenta uma abordagem a respeito do advento da televisão em Sergipe e do que isso representou para a história da comunicação no estado e para a cultura sergipana. A implantação da primeira emissora de televisão local, a TV Sergipe – Canal 4, em 15 de novembro de 1971, foi um dos grandes acontecimentos da década de 1970 no estado. A exemplo do que ocorreu com a chegada da TV no Brasil, na década de 1950, a televisão chegou no menor estado do país modificando costumes, valores, ditando normas e servindo a interesses diversos.

Embora a implantação da TV em Sergipe seja um fato histórico recente, poucos documentos relativos a essa fase foram preservados, o que possivelmente desmotiva o interesse de pesquisadores pelo tema. O mesmo não se observa na historiografia do rádio sergipano, que teve sua primeira emissora instalada em 1939, e que já mereceu pesquisas e registros diversos². O arquivo da própria televisão, boa parte consumido por incêndios, certamente não é um incentivo à empreitada. Nenhum minuto de imagens dos primeiros programas foi preservado. Tais constatações explicam, em parte, o relativo silenciamento do tema na historiografia da comunicação sergipana.

Utilizando uma abordagem histórico-cultural, este estudo tomou como fontes as memórias de profissionais da comunicação, de telespectadores e participantes dos primeiros programas televisivos locais; jornais; fotografias; entre outras. As memórias, com suas singularidades, intencionalidades, semelhanças e contradições³, devidamente testadas e submetidas à lógica histórica, foram de grande relevância para o estudo. Na análise do material fotográfico, levaram-se em conta os indícios apresentados e o processo de construção da representação e da ficção documental, através de uma desmontagem do signo fotográfico⁴. Soma-se a esses registros imagéticos o vídeo comemorativo dos 35 anos da TV Sergipe⁵, idealizado e dirigido pelo jornalista Dida Araújo, no qual constam mais de 70 depoimentos de fundadores da emissora, de profissionais da fase de implantação da TV, além de artistas e telespectadores. Sites e blogs, devidamente cotejados com outras fontes, foram também considerados.

2 Entre eles: MAYNARD, Dilton Cândico Santos, *Ao pé do ouvido: Sergipe, o Estado Novo e a criação da Rádio Aperipê*. São Cristóvão: Editora UFS, 2014; BARBOSA, Antônio. *Pagando mico no rádio*. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2013; MELINS, Murillo. *Aracaju romântica que vivi*. 2. ed. Aracaju: NORGRAF, 2001; SILVA, Eleomar Marques. *Silva Lima e o rádio em Sergipe: Aspectos da trajetória do Informativo Cinzano (1970-83)*. Monografia de graduação em História. Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão-SE, 2005.

3 BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

4 KOSSOY, Boris. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

5 O vídeo foi realizado pelo Núcleo de Produções Especiais da TV Sergipe.



Assim foram localizados e produzidos os documentos que fazem parte da escrita dessa história. Cada um deles trouxe informações não apenas da implantação da primeira televisão em Sergipe; como pano de fundo, se apresenta a Aracaju dos anos de 1970, destacando aspectos culturais, políticos e econômicos da capital.

A “caixa mágica” chega ao Brasil

Um anúncio de página inteira da General Eletric na revista *Seleções do Reader's Digest* de janeiro de 1944, intitulado “A eletrônica trará a televisão ao nosso lar” foi um dos prenúncios da chegada da TV ao Brasil. Uma menina loira e sorridente, para o leitor, apontava para o que viria a ser um aparelho de televisão. Na tela da caixa, a TV, a figura de um palhaço ocupava todo o espaço. Abaixo da ilustração, um texto destacava as potencialidades técnicas do novo invento que seria viabilizado pela nova ciência: a eletrônica. Outras propagandas do tipo, alardeando as possibilidades do instrumento que conectaria a todos e traria o mundo à casa das pessoas, passaram a circular nas revistas e jornais do país⁶.

A televisão, ou um esboço do ela viria a ser, foi vista pela primeira vez no Brasil em 4 de junho de 1939, apresentada na Exposição de Televisão, uma das atrações da Feira de Amostras, realizada no Rio de Janeiro. O evento visava contribuir com o desenvolvimento industrial e estreitar relações entre os estados e países. Visitada pelo Presidente da República Getúlio Vargas e seus Ministros da Justiça, Francisco Campos, e dos Transportes, Mendonça Lima, a exposição atraiu a atenção de muitas pessoas. Um estúdio improvisado foi montado no local com câmera, microfone e luz. Receptores foram conectados aos equipamentos de captação. Detalha Tostes⁷:

O presidente viu cantores de rádio se apresentando para câmera e suas imagens reproduzidas nos televisores. [...] e assistiu ao pequeno filme produzido em dezembro de 1938 pelo Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural (DNPDC), que o mostrava fazendo um discurso. A exposição fora organizada pelo mesmo departamento, [...] em parceria com o Ministério dos Correios da Alemanha e da fábrica alemã de aparelhos eletrônicos Telefunken [...].

6 BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Org.). *História da Televisão no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

7 TOSTES, Octavio. *A cor do milagre: o advento da TV em cores no Brasil do regime militar*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo (USP), 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14112013-110528/pt-br.php>>. Acesso em: 21 out. 2015; BUSETTO, Áureo. Em busca da caixa mágica: o Estado Novo e a televisão. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27 n. 54, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000200010&lng=es&nr-m=1&tlng=pt>. Acesso em: 06. Jan. 2016.



Era o início da Segunda Guerra Mundial, e o III Reich, que já usava a TV em suas propagandas políticas e ideológicas desde 1934, enviava equipamentos e técnicos para demonstrações públicas nos países em que pretendia estabelecer ou aumentar sua influência ideológica e comercial. Foi a TV alemã a responsável pelo primeiro grande acontecimento televisivo no mundo: a transmissão da Olimpíada de Berlim, em 1936, para seis cidades germânicas. Os alemães encantaram Getúlio⁸. O fascínio do presidente pela televisão revelava os primeiros sinais “que o meio exerceria sobre o poder político do país, assinalando, assim, um dos obstáculos interpostos à emancipação política da futura TV brasileira, tanto em tempo de ditadura como no de democracia⁹.”

Seis anos depois do anúncio sobre a televisão, feito na Revista Seleções do Reader's Digest, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, o “Chatô”, dono de um conglomerado de rádios, revistas e jornais pelo país, implantou em 18 de setembro de 1950 a primeira emissora de televisão do Brasil: a PRF-3 TV Tupy Difusora de São Paulo – Canal 3¹⁰. Em função das propagandas veiculadas precocemente, parte da população já estava atraída pela televisão. O grande feito do espírito visionário de Chateaubriand foi viabilizado com os recursos dos seus maiores anunciantes. Resumiu ele no seu discurso de inauguração da TV:

Atentai bem e vereis como é mais fácil do que se pensa alcançar uma televisão: com Prata Wolf, Iás Sams, bem quentinhas, Guaraná Champagne, borbulhante de bugre e tudo isso bem amarrado e seguro no Sul América, faz-se um *bouquet* de aço e pendura-se no alto da torre do Banco do Estado um sinal da *mais subversiva máquina de influir na opinião pública – uma máquina que dá asas à fantasia mais caprichosa e poderá juntar os grupos mais afastados [...]*¹¹

Uma programação próxima do improviso, misturando a linguagem do rádio, do cinema e do teatro, começava a ser delineada. As crianças também mereceram atenção da emissora. Um dia depois da inauguração da TV Tupi, foi exibido o filme do Pica-pau, em inglês, e programas infantis

8 TOSTES, Octavio. *A cor do milagre: o advento da TV em cores no Brasil do regime militar*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo (USP), 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14112013-110528/pt-br.php>>. Acesso em: 21 out. 2015.

9 BUSETTO, Áureo. Em busca da caixa mágica: o Estado Novo e a televisão. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27 n. 54, 2007. p.195. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000200010&lng=es&nrm=1&tIng=pt>. Acesso em: 06. Jan. 2016.

10 Inicialmente o nome Tupi apareceu grafado com “Y”; depois o “y” foi substituído pelo “i”.

11 BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisiva e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Org.). *História da Televisão no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

foram sendo criados. Entre eles, “O Clube do Papai Noel” (1952), “Clube da Gurilândia” (1955) e o “Teatrinho Trol” (1955). A logomarca da TV Tupi Difusora de São Paulo tinha um apelo pueril. A imagem de um índio guerreiro, tomada de empréstimo das Rádios Associadas Tupi e Difusora, logo foi substituída por um simpático e sorridente indiozinho, que no lugar do cocar trazia uma pequena antena de TV12.

Se antes de chegar ao Brasil a TV foi anunciada como o revolucionário aparelho que levaria o mundo à casa de todos, na prática isso não aconteceu na década de 50. Os televisores eram importados e muito caros. Mesmo os primeiros aparelhos fabricados no Brasil, da marca *Invictus*, custavam nove mil cruzeiros, ou seja, três vezes mais que uma radiola, o bem de consumo mais desejado pela classe média. Levando-se em conta que o salário mínimo em 1950 era Cr\$ 491,85, seriam necessários cerca de 19 salários mínimos para comprar um televisor. Ter um aparelho de TV era um sinal de distinção social¹³.

Foi lenta a popularização da máquina que daria asas à fantasia e juntaria os grupos humanos mais afastados, como vaticinou Chateaubriand no seu discurso de inauguração da TV Tupi. Em 1952, havia apenas 11 mil televisores em todo o país. Mas o costume de ver TV era amplamente incentivado pela publicidade, e quem podia mantinha o seu televisor em lugar de destaque na sala de casa. Novas práticas sociais estavam sendo introduzidas, e as famílias eram incentivada a se reunir em torno da televisão. Pela nova “janela” da casa, poderiam ver o mundo e incorporar novos costumes e valores. Na década de 1960, a televisão começou a se popularizar. Havia campanhas de vendas, os preços ficaram mais acessíveis. O número de emissoras pelo país também crescia significativamente. Em 1960 eram 22, e em 1970 esse número dobrou¹⁴.

Aracaju dos anos 70

No final da década de 60 e início dos anos 70, Aracaju era uma cidade pouco desenvolvida se comparada com as capitais do Sudeste do país, como recorda o jornalista Raymundo Luiz¹⁵:

12 SAMPAIO, Mário Ferraz. *História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo* (memórias de um pioneiro), 2. ed. Campo dos Goytacazes, Rio de Janeiro: FENORTE, 2004.

13 BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 2005.

14 BERGAMO, Alexandre. A reconfiguração do público. In: RIBEIRO, Ana Paulo Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco, (Org.). *História da Televisão no Brasil*. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2010. SAMPAIO, Mário Ferraz. *História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo* (memórias de um pioneiro), 2. ed. Campo dos Goytacazes, Rio de Janeiro: FENORTE, 2004; PRO-TV Disponível em: <http://protv.museudatv.com.br/>

15 SILVA, Raymundo Luiz da. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues em 2015.



[...] a evolução socioeconômica de Aracaju processava-se em ritmo lento, quase parando. Diversão: cinemas. Um de primeira linha, o Palace, mais uns quatro de menor categoria: Rex, Vitória, Guarany, Rio Branco [...]. As retretas da Praça Fausto Cardoso começavam a perder fôlego, enquanto clubes sociais como a Atlética, o late Clube de Aracaju, Cotinguiba e Vasco realizavam festas que atraíam as atenções e preferências da sociedade. É a fase do som estereofônico nas primeiras boates que copiavam as infernais discotecas do Sul do país. Boate Segredo, Oxente (no Cotinguiba) e por aí afora.

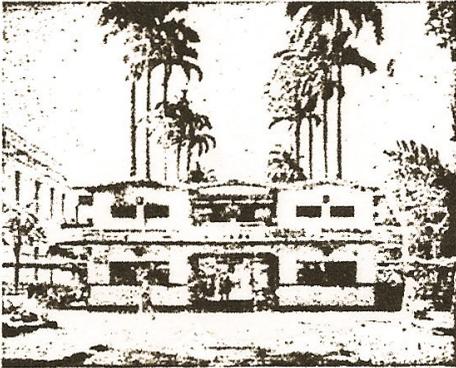
Os impressos seguem a fornecer informações da Aracaju do final da década. Um anúncio da Sorveteria, Restaurante e Churrascaria Yara (figura 1) destaca o jantar dançante diário da casa, ao som de um toca-fitas estereofônico, iluminação com luz negra, entre outros diferenciais da época. A propaganda também incluía votos de boas festas e próspero ano novo aos leitores e conferia um novo título para Aracaju: a “Capital do Petróleo”¹⁶. O jornalista Eugênio Nascimento complementa: “Embaixo [da Yara] vendia sorvete e sanduíche, e em cima tinha a boate. Era uma espécie de ‘clube da elite sergipana’¹⁷.

Figura 1 - Publicidade da Sorveteria, Restaurantee Churrascaria Yara

SORVETERIA, RESTAURANTE E CHURRASCARIA

YARA

PRAÇA ALMIRANTE BARROSÓ — FONE 27-88 — ARACAJU-SE



O PONTO MAIS APRAZIVEL DA CAPITAL DO PETRÓLEO
 AMBIENTE DISTINTO E SELECIONADO, — JANTAR DANÇANTE
 DIARIAMENTE, A PARTIR DAS 20 HRS. AO SOM DE UM TOCA-
 FITA ESTEREOFÔNICO: COLEÇÃO DE MÚSICAS SELECIONA-
 DAS DECORAÇÃO TÍPICA E ILUMINADA COM LUZ NEGRA —
 NÃO COBRAMOS MESA OU INDIVIDUAL. NÃO HÁ MAJORA-
 ÇÃO DE PREÇOS.

O PROPRIETÁRIO E OS FUNCIONÁRIOS DA SORVETERIA YARA
 CONGELIAM-SE COM SEUS PREGUISEIROS, AMIGOS E AS AUTORIDADES
 CONSTITUÍDAS DESEJANDO LHEZ SI NCTROS VOTOS DE BOAS FESTAS E
 EM PRÓSPERO ANO NOVO

Fonte: Gazeta de Sergipe, 1969, p.2.

16 *Gazeta de Sergipe*, Aracaju/SE, 31 dez. 1969, p.2

17 NASCIMENTO, Eugênio. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues em 2015.

Também faziam parte da cultura da capital sergipana o futebol nos campinhos da Baixa Fria ou da Portuguesa, no bairro Siqueira Campos; os banhos no Rio Sergipe, nas imediações da Praia Formosa; e os encontros nas portas dos cinemas antes das sessões, que podiam ser intermináveis. Relembra Eugênio Nascimento¹⁸:

[...] à tarde era uma multidão de meninos na porta do cinema para trocar e vender gibis já lidos. Com o dinheiro a gente comprava ingresso, e laranja, já descascada, e saco de pipoca Lírio do Vale. [...] e ia todo mundo assistir filme [...] podia assistir mais de uma sessão. Você marcava com os amigos: 'vou às duas e espero vocês para a sessão das quatro'. E ficava lá assistindo, dando vaia nos filmes, 'uhhhh', e contando alto pro povo, que estava vendo pela primeira vez, o que ia acontecer no filme [risos]. Isso no Vera Cruz e Cinema Bonfim, no Siqueira.

Idalina Campos¹⁹, viúva de Luiz Carlos Campos, primeiro diretor comercial da TV Sergipe, também recorda de aspectos culturais da cidade de Aracaju na década de 1970:

[...] acostumada em São Paulo [...] perguntei a Maria [uma parenta] o que se podia fazer aqui. Ela respondeu: 'Só temos duas coisas aqui, Idalina: ir à missa ou comprar o jornal' [...]. Tinha a sorveteria Cinelândia, muito famosa, tinha gente que comprava sorvete lá para mandar para Brasília, sorvetes maravilhosos [...]. E vamos falar dos aniversários... das mulheres, da vida social. Dona Terezinha [supondo um nome] fazia aniversário. Ótimo, vamos pra lá. Chegávamos, tudo bem servido, muita comida, muito bem arrumado. Agora, mulheres de um lado e homens de outro. [...]. No São João, fazíamos uma reunião. Todo mundo na rua de São João a comer o churrasquinho [...] e ver as danças, as quadrilhas, as festas juninas [...]. Nas festas de Natal, a gente ia pra Praça da Catedral ver o Carrossel de Tobias.

Em 1966, foi criado no estado o Clube de Cinema, estimulando filmagens; estudantes do Colégio Ateneu também fundaram seu Cineclube e foi aberta a galeria Álvaro Santos. Além dos artistas já consagrados, novos nomes conquistaram seus espaços. Entre eles, Adauto Machado, Felix Mendes, Hortência Barreto, Anete Sobral e Joubert Moraes²⁰. Entre os escritores locais, a produção crescia; somente a Livraria Editora Regina Ltda. editou 95 títulos entre 1966/1970. Destacaram-se ainda no período outras atividades culturais como a realização do I Festival da Canção no Colégio Athe-

18 NASCIMENTO, Eugênio. Entrevista concedida à Risia Rodrigues em 2015.

19 CAMPOS, Idalina Martinez. Entrevista concedida à Risia Rodrigues em 2015.

20 DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., 2004.



neu (1969), o I Festival de Artes de São Cristóvão (1972), o surgimento de bandas musicais como Comanches, Apaches, *Los Guaranis*, *Vikings*, *The Thop's*, Brasa 10, e grupos como o Bolo de Feira e o Conjunto R Som 7.

No setor das comunicações, Aracaju chegou aos anos 70 com cinco emissoras de rádio AM: Rádio Difusora (1939), Rádio Liberdade (1953), Rádio Jornal (1958), Rádio Cultura (1959) e Rádio Atalaia (1968). Dos jornais do período, destacavam-se O Diário de Aracaju (1964), o Sergipe Jornal (1965), A Gazeta de Sergipe (1958), Jornal da Cidade (1972) e A Cruzada (1918)²¹.

Quanto ao sistema educacional no estado, segundo o relatório do I Seminário de Educação de Sergipe – FACED/UFS, realizado em 1969, havia problemas como deficiência da formação dos professores, alta taxa de repetência e evasão escolar, insegurança econômica dos docentes, má distribuição de ginásios pelo estado, falta de aproveitamento dos formados do ensino técnico e deficiência dos administradores.²² De outro modo, começavam a ser instaladas em Aracaju instituições de ensino superior: Universidade Federal de Sergipe (1968), Faculdades Integradas Tiradentes (1972) e a Faculdade Pio Décimo (1972).



Sergipe entra na era da televisão

os primeiros movimentos para a chegada da televisão em Sergipe começaram no início dos anos 60. O representante comercial da Empire Rádio e Radiola em Sergipe, Irineu Fontes, trouxe um aparelho de TV e uma antena para demonstração no estado. Para melhorar a recepção do sinal, o prefeito da capital à época, Godofredo Diniz, entusiasmado com a novidade, liberou verba para a compra de uma antena repetidora. O sinal da TV e Rádio Jornal do Commercio Ltda., de Recife, passou a ter maior alcance²³.

As imagens, mesmo com antena repetidora, não eram das melhores. Mas era possível acompanhar o que acontecia pelo mundo. Conta o jornalista Luiz Eduardo Costa: “Devia ter o quê? Umas 500 a mil televisões em Aracaju. [...]Aí eu vi a chegada do homem à lua [...] [ter televisão] Era uma espécie de privilégio, quase um distintivo social”²⁴. Nos bairros, ruas com

21 COSTA, Luiz Eduardo. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015; DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 2004; MELINS, Murillo. *Aracaju romântica que vivi.2*. ed. Aracaju: NORGRAF, 2001.

22 OLIVEIRA, Nayara Alves de. *A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971): origens e contribuições*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2011.

23 *TV SERGIPE. – 35 ANOS - Nossa História*. Direção, Roteiro e Edição de Dida Araújo; Coordenação de produção de Fernando Petrônio; Direção de imagem de Humberto Alves. Aracaju-SE, Núcleo de Produções Especiais da TV Sergipe. 2006. DVD (88min).

24 COSTA, Luiz Eduardo. Entrevista concedida à Risia Rodrigues em 2015.

um ou dois aparelhos e “televizinhos” aos montes, como lembra Eugênio Nascimento: “Na minha rua só duas casas tinham televisão [...] aí meu pai comprou um televisor Empire [...]. Às seis da tarde todo mundo corria para a janela de quem tinha televisão [...]. Quando um vizinho estava com raiva de outro [...] ia e fechava a janela para o vizinho não ver [risos]”²⁵.

Contudo, não bastava ter um aparelho e ver o mundo através dele; era preciso ter uma emissora de TV local. Em 1966, incentivados pelo radialista e publicitário Nairson Menezes, que já havia trabalhado na TV Excelsior de São Paulo, nove empresários decidiram implantar a primeira emissora de TV do estado. O capital necessário, NCr\$ 160.000,00, foi dividido em 10 cotas. Nove foram adquiridas pelos empresários fundadores, e a décima foi dividida em 900 ações ordinárias e vendidas a quem se interessasse. Nascia a primeira emissora de TV do Brasil com participação popular. Os sócios fundadores da emissora foram Francisco Pimentel Franco (da PFranco), Josias Passos (Lojas JG), Getúlio Passos (Lojas JG), José Alves (Casa da Eletricidade), Hélio Leão (representante comercial), Augusto Santana (comerciante de tecidos), Paulo Vasconcelos (Loja Radiante), Lauro Menezes (Empresa Senhor do Bonfim) e Luciano Nascimento (Cocil Coco Industrial). Segundo José Lauro Menezes, a TV Sergipe foi criada para o desenvolvimento do estado, com recursos do comércio, da indústria e do governo estadual²⁶.

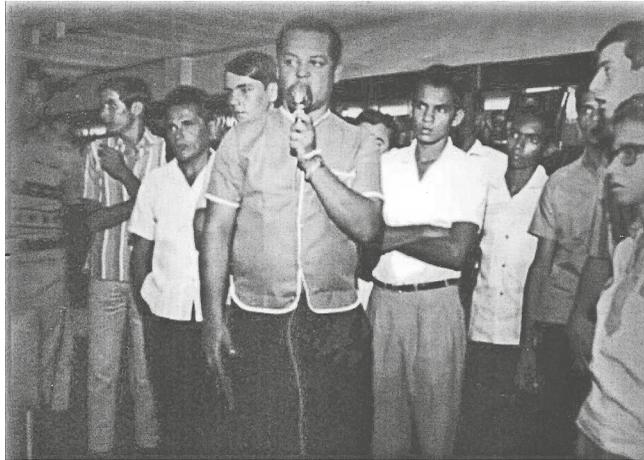
Para despertar o interesse pela compra das ações, foi montado um estande de vendas na Praça Olímpio Campos. Um sucesso! Afinal, quem não queria ser dono de uma emissora de TV? Alguns eventos promocionais de apresentação da televisão na cidade foram realizados. Na figura 2, o locutor enaltece as maravilhas da TV, observado atentamente por diversos jovens. Alguns rapazes dirigem a atenção para um outro local específico do estande, à frente do locutor, provavelmente para um monitor.

25 NASCIMENTO, Eugênio. Entrevista concedida à Risia Rodrigues em 2015.

26 *TV SERGIPE. – 35 ANOS - Nossa História*. Direção, Roteiro e Edição de Dida Araújo; Coordenação de produção de Fernando Petrônio; Direção de imagem de Humberto Alves. Aracaju-SE, Núcleo de Produções Especiais da TV Sergipe. 2006. DVD (88min).



Figura 2 - Apresentação na Praça Olímpio Campos de como funcionaria a TV Sergipe (1967?)



Fonte: *Print Screen* do DVD TV SERGIPE – 35 ANOS- Nossa História, 2006.

As imagens oferecem pistas. A possibilidade de ter uma TV local ou de ser um pouco dono da emissora interessou não apenas a grandes empresários; pessoas comuns também se sentiram atraídas pela novidade e se juntavam na praça para ouvir sobre a TV. O radialista e jornalista Raymundo Luiz, que acompanhou aqueles acontecimentos, contou que os eventos promocionais também eram realizados em lojas do centro comercial. E acrescentou ao ver a fotografia: “O do microfone é Nairson Menezes, dono da primeira agência de publicidade de Sergipe, NMenezes [...], e o local é a Loja P Franco, de Francisco Pimentel Franco”²⁷.

Antes da inauguração oficial, a TV Sergipe fez alguns experimentos: em 1967, foi realizada a primeira transmissão da emissora, e, em 1968, a TV recebeu permissão para três meses de funcionamento. Uma nova autorização em 1969 permitiu que os sergipanos assistissem à chegada do homem à Lua (1969) e à Copa do Mundo de 70. No ano seguinte, no mês de março, a TV Sergipe recebeu permissão para funcionamento em caráter experimental a partir de 12 de junho de 1971²⁸. Dois meses depois, em 11 de maio de 1971, a imprensa informava: “Médici assinou concessão para funcionamento da TV Sergipe”²⁹.

A chegada dos equipamentos também foi registrada. A Gazeta de Sergipe estampou em sua primeira página da edição de 30 de maio de 1971 o título: “Chegou todo o material da TV”³⁰. Para o início dos trabalhos, continuava a reportagem, era aguardada a presença de técnicos da Maxwell,

27 SILVA, Raymundo Luiz da. Entrevista concedida à Rísia Rodrigues em 2015.

28 *Gazeta de Sergipe*, Aracaju/SE, 11 mar. 1971, p.1.

29 *Gazeta de Sergipe*, Aracaju/SE, 11 maio 1971, p.1.

30 *Gazeta de Sergipe*, Aracaju/SE, 30 maio 1972. p.1.

empresa fabricante dos equipamentos. Em 15 de novembro de 1971, a TV Sergipe seria inaugurada³¹. A ocasião foi comemorada pela imprensa, que registrou a chegada do “caminhar civilizatório”:

Televisão – Finalmente na próxima segunda-feira encerra-se a novela do vai-não-vai da nossa TV Sergipe, Canal 4. Definitivamente no ar no dia 15 de novembro de 1972 [sic]³², data de muito significado para os sergipanos. Iniciamos de fato a era da comunicação, do entretenimento pelas imagens como antes era feito somente com os sons. É um dia que ficará lembrado [...] como o início do nosso *caminhar civilizatório* em busca da sintonia que deverá ser nacional e universal, tal o valor da nossa assistência regional³³.

A chegada da televisão foi recebida com grande entusiasmo na capital e municípios próximos. Com a ajuda da divulgação nas rádios e jornais, a população foi convidada a participar da festa de inauguração da TV. Um coquetel foi oferecido para autoridades, entre elas o governador de Sergipe, Paulo Barreto, os sócios fundadores e suas famílias, empresários, representantes da Igreja, imprensa e comunidade. “Foi uma festa muito grande. Todo mundo subindo pra ir lá pra cima pra festa. Todo mundo ficou alegre... porque uma emissora dessa aqui!”, lembrou Maria Jovelina Santos³⁴.

A implantação da TV Sergipe trouxe mudanças e orgulho para os sergipanos, avaliou o jornalista Nestor Amazonas³⁵, ex-funcionário da emissora.

A TV local foi um grande avanço para a sociedade sergipana. Mudou muita coisa – desde a combatida autoestima até a forma de falar. A TV Sergipe alimentou o orgulho dos sergipanos que se viam num espelho, ainda um pouco fosco, mas verdadeiro. O que o rádio vinha fazendo, trazendo velocidade, a TV completou com a imagem narcísica. Agora podíamos ir muito além do jornalismo, era a época dos programas ao vivo. E o que víamos nos agradava: Reinaldo Moura, Hugo Costa, João de Barros, Hilton Lopes, muitos outros, e Nazaré Carvalho.

A TV iniciou com a estrutura mínima de equipamentos e funcionários, que começavam a aprender sobre o novo veículo. O desafio fora lançado e era preciso faturar. Mas de que forma convencer os anunciantes? Entra

31 MONTEIRO, Risia Rodrigues Silva. *Nazaré Carvalho e a Circulação de práticas educativas na TV Sergipana (1971-1979)*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016.

32 A data correta é 15 de novembro de 1971, ano de veiculação da notícia no jornal.

33 *Gazeta de Sergipe*, Aracaju/SE, 10 nov. 1971, p. 3

34 *TV SERGIPE. – 35 ANOS - Nossa História*. Direção, Roteiro e Edição de Dida Araújo; Coordenação de produção de Fernando Petrônio; Direção de imagem de Humberto Alves. Aracaju-SE, Núcleo de Produções Especiais da TV Sergipe. 2006. DVD (88min).

35 AMAZONAS, Nestor. Entrevista concedida à Risia Rodrigues em 2014.



em cena Luiz Carlos Campos, publicitário formado na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), sergipano, que havia trabalhado na TV Tupi de São Paulo. “Tarefa difícil”, conta Idalina Campos, viúva do diretor: “[...] os comerciantes ainda estavam naquela história de ‘eu sou muito conhecido, não preciso, todo mundo sabe onde é minha loja, todo mundo vem aqui’”, Luiz Carlos Campos também acompanhava a área técnica e ajudava na formatação dos programas³⁶.

A emissora começou como afiliada da Rede Tupi e tinha cerca de seis horas diárias de programação. Seguindo o modelo inicial da TV Tupi, a TV Sergipe levou profissionais do rádio e das salas de projeção de cinemas para a televisão. A emissora entrava no ar às 16 horas, e a abertura era feita por Gilvan Fontes. “Havia *slides*, e eu dizia: ‘entra no ar, neste momento, a TV Sergipe’. Depois, apresentava o programa de Nazaré, o “Clube Júnior”. E eu ficava no estúdio de gravação, porque no intervalo eu fazia a locução dos comerciais”³⁷. Na figura 3, Nazaré Carvalho aparece em um programa da TV Sergipe dedicado às crianças.

Figura 3- Nazaré Carvalho como jurada de programa TV Sergipe (197?)



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho.

36 CAMPOS, Idalina Martinez. Entrevista concedida à Risia Rodrigues em 2015.

37 FONTES, Gilvan. Entrevista concedida à Risia Rodrigues em 2014.

A grade de programação da TV Sergipe também era composta por novelas e outros programas produzidos pela TV Tupi de São Paulo. Flávio Cavalcante, Chacrinha, entre outros, rapidamente conquistam a simpatia dos sergipanos. Os profissionais locais procuraram imitar as fórmulas de sucesso. Hugo Costa apresentava o programa “A Hora H”, fazendo entrevistas e reportagens na cidade. Aos domingos, apresentava o “Show é você”. Calouros, humor e prêmios faziam a festa do auditório animado e do público cativo. Outros programas foram surgindo. Entre eles, “Sergipanos Frente a Frente”, “Sábado Geral”, “O Sábado é Nosso” e “Cantina da Alegria”³⁸.

Mas a programação exibida pela primeira emissora de televisão sergipana não agradava a todos. Na Gazeta de Sergipe, a nota intitulada “vexame” não poupou críticas:

Para a programação do pior estilo radialístico já inteiramente superado. Um apresentador sem o mínimo requisito querendo bancar o Chacrinha da aldeia. Um “cast” de sergipanos (nordestinos), todos cantando iê, iê, iê, exatamente como manda o figurino brasileiro. O vexame generalizado, salvo alguns minutos depois por Sílvio Caldas, que: cuidadosamente não quis apresentador e ele próprio disse o que estava fazendo. O programa revela o *estágio cultural que marcará a programação da TV Sergipe* ³⁹.

Durante a pesquisa, constatou-se que jornalistas, radialistas, cinegrafistas e outros entrevistados, com raras exceções, conscientemente ou não, guardaram e/ou relataram boas lembranças daquele período. A memória dos entrevistados mostrou-se, em muitos pontos, bastante coesa. Os comunicadores da fase de implantação da TV Sergipe, de alguma forma, se comportam como uma comunidade afetiva⁴⁰. Mesmo os que não mantêm mais contatos frequentes conservam suas memórias alinhadas: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”⁴¹. Em alguns momentos, percebeu-se relatos diferenciados entre os entrevistados de um mesmo acontecimento. Segundo Michael Pollak⁴², isso se dá porque há diferentes processos constitutivos da memória individual.

38 TV SERGIPE – 35 ANOS - Nossa História. Direção, Roteiro e Edição de Dida Araújo; Coordenação de produção de Fernando Petrônio; Direção de imagem de Humberto Alves. Aracaju-SE, Núcleo de Produções Especiais da TV Sergipe. 2006. DVD (88min).

39 *Gazeta de Sergipe*, Aracaju/SE, 1971, p.3.

40 HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora dos Tribunais, 1990.

41 LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. 5 ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003. p.471.

42 POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.



O jornalismo também fez parte da programação da TV Sergipe desde sua implantação. Sérgio Gutemberg foi o primeiro diretor de jornalismo da emissora. Integraram ainda a equipe os apresentadores Acival Gomes, Dermeval Gomes, Hugo Costa, Wellington Elias, César Cabral, Reinaldo Moura, Nelson Souza, Luiz Ramalho; os repórteres Jairo Alves, Gilvan Fontes; os cinegrafistas Piúga e Newton Nunes; os operadores de vídeo Wanderley Jesus, Wilson Queiroz, Airton Melo e Genival Nunes. Outros foram se juntando ao grupo, e alguns dos pioneiros depois foram fazer escola na TV Atalaia, que seria inaugurada em 1975⁴³.

Na fase inicial da TV Sergipe, apenas uma mulher fez parte do quadro como apresentadora: Nazaré Carvalho, a “tia Nazaré”. No comando do programa Clube Júnior (1971-1974), ela encantou crianças e adolescentes no estado. O programa era simples, quase sem produção. Nazaré foi um dos grandes fenômenos de audiência da emissora. No pequeno estúdio da TV, ela brincava com as crianças, dava conselhos, abria espaço para apresentações artísticas, lia as cartas recebidas dos “sobrinhos” e exibia desenhos animados. Depois de Nazaré Carvalho, destacaram-se numa outra fase da TV Sergipe as apresentadoras Ângela Abreu, Fátima Bôto, Silmara Madureira e Venúzia Rodrigues⁴⁴.

Notas finais

Este recorte da história da implantação da TV em Sergipe é um convite a novas pesquisas sobre o tema, que revela muito além da história da chegada da “mais subversiva máquina de influir” no estado. Na investigação empreendida, foi possível também conhecer aspectos da história local do rádio, da profissionalização dos comunicadores, das mulheres na imprensa sergipana, das práticas sociais da Aracaju das décadas de 1960 e 1970, entrelaçados com a história política, econômica e cultural do estado. Através das memórias de entrevistados, cotejadas com outras fontes, percebeu-se ainda que a chegada da TV Sergipe ampliou a influência do Sudeste no estado, pois havia um “modelo” a ser seguido pelos comunicadores. Mas, ao mesmo tempo, a TV Sergipe abriu espaços para radialistas consagrados e para novos talentos e, ao incentivar a participação popular na TV, elevou a autoestima dos sergipanos, que passaram a se ver na tela. O assunto é vasto e fascinante. A história aguarda outros pesquisadores para novas revelações.

43 MONTEIRO, Risia Rodrigues Silva. *Nazaré Carvalho e a Circulação de práticas educativas na TV Sergipana (1971-1979)*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016.

44 CARVALHO, Maria Nazaré de. Entrevista concedida à Risia Rodrigues em 2010; 2014; 2015.